

**A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott como Ciência Ôntica da Acontecência
Humana – apresentação do projeto de doutorado**

Eder Soares Santos
Doutorando – IFCH/UNICAMP
Bolsista: FAPESP

Introdução

Acreditamos que a idéia de aproximar o pensamento de Winnicott e Heidegger constitui uma possibilidade real e proveitosa, pois há muitas afinidades entre esses dois autores no que diz respeito a questões relativas à estrutura e aos distúrbios do existir humano.

Assim, o que ensaiamos estudar na presente pesquisa são duas teorias, uma do campo da psicanálise e outra do domínio da filosofia, que apresentam-nos uma forma não-naturalista de conceber o ser humano; em ambas o ser humano tem sua importância pelo seu próprio existir no mundo.

O estabelecimento da relação entre essas duas teorias será possível de ser realizado através da teoria de paradigma de Thomas Kuhn. Mais do que uma mera comparação entre o pensamento desses dois autores, procurar-se-á oferecer uma contribuição para o estabelecimento de fundamentos adequados e profícuos para o desenvolvimento de uma psicanálise pensada a partir do sentido de ser do homem.

Objetivos

I – Mostrar que a teoria do amadurecimento humano proposta por D. W. Winnicott no decorrer de toda a sua obra ajuda a esclarecer onticamente a idéia que Heidegger apresenta em *Ser e Tempo* de que o homem é um ser acontecente. Neste sentido, considera-se que a psicanálise de Winnicott consegue superar o naturalismo ainda presente na psicanálise tradicional (em especial, Freud e Klein).

II – Oferecer uma possibilidade de fundamentação ontológica da psicanálise de Winnicott não mais baseada na metapsicologia (que, em última instância, significa dizer metafísica), mas sim erigida a partir da desconstrução desta no interior da analítica existencial de Heidegger.

III – Usar as noções de filosofia da ciência de Th. Kuhn como instrumento metodológico para, por um lado, estudar as mudanças existentes entre a psicanálise tradicional e a psicanálise de Winnicott e, por outro, traçar as afinidades antológicas entre a psicanálise winnicottiana e a filosofia de Heidegger.

Justificativa

Esse trabalho segue uma linha de pesquisa sobre a psicanálise de Winnicott e a filosofia de Heidegger inaugurada na filosofia¹ pelo Prof. Dr. Zeljko Loparic e que vem apresentando muitos resultados positivos como, por exemplo, teses de doutorado e dissertações de mestrado, vários artigos (vide bibliografia), revista dedicada a publicação de trabalhos sobre Winnicott e/ou Heidegger, bem como a formação de núcleo de pesquisa sobre filosofia e psicanálise².

A partir dos objetivos expostos acima é possível fazer uma série de questões:

- *Objetivo I* - (1) Por que Winnicott e qual o interesse filosófico no estudo de sua teoria psicanalítica? (2) O que se pretende estudar em Winnicott?
- *Objetivo II* - (1) Por que Heidegger? (2) O que se pretende estudar em Heidegger?
- *Objetivo III* - (1) Qual o instrumento metodológico para a leitura da história da psicanálise? (2) Como será feita a aproximação de Heidegger e Winnicott em termos da teoria kuhniana?

Objetivo I

1 – Por que Winnicott e qual o interesse filosófico no estudo de sua teoria psicanalítica

O interesse filosófico pela teoria psicanalítica de Winnicott consiste no fato de que em sua teoria psicanalítica o ser humano não é apresentado como um objeto da natureza, mas sim como uma pessoa que para existir precisa do cuidado e atenção de um outro ser humano. Isso nos leva a pensar que a psicanálise de Winnicott não se enquadra mais na estrutura do pensamento científico-naturalista.

Pode-se indicar qual é a marca do pensamento científico-naturalista através da seguinte observação feita por Heidegger, no livro intitulado *Seminários de Zollikon*: “o traço fundamental da natureza de que se fala no pensamento científico-natural é ser regida por leis. A calculabilidade é uma consequência de ser regida por leis. De tudo que é só se considera aquilo que é mensurável, quantificável”.³

Curiosamente, Winnicott escreveu um livro que se intitula *Natureza Humana*. Do que se trata essa *natureza*? Ele conseguiu, realmente, superar esse naturalismo alvo das críticas de Heidegger?

¹ Na psicanálise clínica, destacam-se os trabalhos de Elsa Oliveira Dias.

² Cf. Revista *Natureza Humana*, EDUC, São Paulo; e Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas (GPFPP), PUC-SP.

³ Heidegger, M. *Zollikoner Semnäre*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1987, p. 30.

A resposta parece-nos ser sim. É preciso saber, então, o que Winnicott entende por natureza humana. Para ele, “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana”⁴ e a natureza humana “é quase tudo o que possuímos”⁵. Em Winnicott, isto significa dizer que o que está em jogo na natureza humana e o que a constitui é o seu acontecimento como ser humano, isto é, a sua continuidade de ser como pessoa. O ser humano é uma pessoa que vive entre duas nada (o primeiro deles antes do nascimento e o outro depois da morte) e, por isso, ele não passa de uma amostra no tempo. Ser de maneira contínua no tempo desde o início, ou seja, desde o nascimento, é o que lhe garante saúde o suficiente para alcançar o outro nada, a morte. A quebra dessa continuidade, principalmente, no início da vida do ser humano leva a uma existência difícil, que pode ser marcada por graves distúrbios psíquicos como, por exemplo, psicoses e esquizofrenias⁶. Essa interpretação da natureza humana não está marcada pela calculabilidade ou mensurabilidade do que é possível conhecer sobre o ser humano. Ela está baseada na fragilidade e nas dificuldades que existem no ter que existir humano. Esse é um dos motivos principais pelos quais acreditamos que o estudo da teoria winnicottina é de grande importância não só para a psicanálise, mas também para a fenomenologia existencial de Heidegger.

Com efeito, se a natureza humana tal como concebida em sua obra não está baseada no naturalismo científico, então os fundamentos de sua teoria psicanalítica não podem ser mais os mesmos da psicanálise tradicional⁷. Essa parece ser também a opinião de Loparic (1995) ao dizer que se em Freud podemos observar que os “fundamentos da psicanálise tradicional, pertencem, todos eles, à *metafísica* da modernidade”, ou seja, “metafísica pós-cartesiana em que o sentido da realidade do real é um só, o da *presença constante representável*”; em Winnicott percebemos que “a ‘tese da metafísica da psicanálise’ é rejeitada”. Por exemplo, “em Winnicott, o acesso representacional ao objeto passa a ser considerado como *derivado* e *fundamentado* em modos de acesso menos ‘realistas’, mais ‘brincalhões’, porém, nem por isso menos significativos para a vida humana. A divisão de realidade em externa e interna não é tomada como pressuposta, mas considerada como adquirida”⁸.

O interesse filosófico pela teoria psicanalítica de Winnicott aumenta ainda mais quando se percebe em sua obra temas que foram tratados originalmente pela fenomenologia existencial de Heidegger, por exemplo: “a tarefa de elaborar um sentido do ser (ignorada tanto pela metafísica tradicional como pela psicanálise comum) faz parte dos problemas internos ao existir humano desde o seu início; essa questão não pode mais ser acomodada no interior da metafísica

⁴“A human being is a time-sample of human nature.” Winnicott, D. W. *Human Nature*. Nova York: Brunner/Mazel, 1988, p. 11.

⁵ Ibid. p. 1

⁶ ibid., parte IV, pp. 126-160.

⁷ Consideramos "psicanálise tradicional" toda aquela que se sustenta sobre o paradigma edípico.

⁸ Loparic, Z. Winnicott e o Pensamento Pós-metafísico, *Psicologia USP*, vol. 6, nº 2, 1995, p. 51. Em Winnicott ver *Playing and Reality*. Londres: Penguin Books, 1971.

da representação, aceita pela metapsicologia; Winnicott reconhece diferentes sentidos do ser das coisas intramundanas e os distingue do sentido do ser do ente humano, oferecendo uma teoria original não representacional da constituição de todos esses sentidos”.⁹

Segue-se, então, mais uma questão.

2 - O que se pretende estudar em Winnicott

O objeto de estudo na teoria psicanalítica de Winnicott será a sua teoria do amadurecimento.

A teoria do amadurecimento se inscreve na história da psicanálise como uma verdadeira *tournant* paradigmática. Diferentemente da psicanálise tradicional – referimo-nos principalmente a Freud e Klein - Winnicott recusa decididamente o naturalismo e o determinismo, isto é, recusa a objetificação do ser humano. Ele não concebe o ser humano como um mero fato, um efeito de causas, uma coisa em conexão causal com outras coisas da natureza. O ser humano, principalmente no que tange ao que é psíquico, não é constituído por um aparelho que é movido pela força de certas pulsões. O ser humano é um acontecimento no tempo que tende a desenvolver-se até a sua morte. Desse modo, é possível notar que Winnicott “rejeitou ou modificou significativamente o emprego de conceitos fundamentais tais como sujeito, objeto, relação de objeto, pulsão (vontade, impulso), representação mental, mecanismo mental, força pulsional. No seu lugar e no da teoria do desenvolvimento sexual, ele colocou a teoria do amadurecimento humano, assim como uma série de conceitos básicos novos a serem usados doravante, no estudo de problemas novos e antigos.”¹⁰

Objetivo II

1 - Porque se escolheu a filosofia de Heidegger para um estudo da psicanálise winnicottiana

Ao se perguntar pelo sentido do ser Heidegger tornou possível colocar em questão a tradição metafísica da filosofia que ganhou força com o surgimento da ciência moderna.

Tanto a filosofia quanto a ciência moderna perguntam pelo ente a fim de saber o que ele faz e não o que ele é¹¹. O perguntar pelo fazer, principalmente na ciência moderna, significa colocar “a si mesmo como sujeito determinante para o qual todo ente pesquisável torna-se

⁹ Ibid., p. 45.

¹⁰ Loparic, Z. Winnicott e Klein: conflito de paradigmas, 1997, p. 58)

¹¹ Cf. Loparic

objeto”¹², inclusive, o próprio homem. Como conseqüência, o homem moderno criou um método científico que pudesse mensurar e calcular antecipadamente a natureza, assim “o método da nova ciência, ou seja, da ciência moderna consiste em assegurar a previsibilidade da natureza”.¹³

Ainda hoje, segundo Heidegger, na ciência contemporânea os pressupostos da ciência natural são os mesmos. Diz ele:

“Na ciência contemporânea encontramos o querer dispor da natureza, o tornar útil, o poder calcular antecipadamente, o predeterminar como o processo da natureza deve se desenrolar para que eu possa agir com segurança perante ele (...) O que se pode calcular de antemão, antecipadamente, o que pode ser medido é o real e apenas isso”.¹⁴

A questão é saber se esse método é bom o suficiente para dar conta dos problemas de saúde das pessoas. Heidegger questiona:

*“Até onde isto nos leva perante uma pessoa doente? Fracassamos!”*¹⁵

E ainda:

“O que acontece com este caminho da ciência deixado ao seu próprio destino? Nada menos que a autodestruição do homem”.¹⁶

Os questionamentos de Heidegger sobre a ciência parecem querer mostrar que não há nenhum avanço em pensar o homem como um objeto (ente) simplesmente dado na natureza. Esse modo de pensar antes de levar o homem a um conhecimento maior do seu ser leva-o, na verdade, ao esquecimento de si-mesmo e à sua própria destruição.

Dessa forma, para que qualquer estudo sobre o homem possa ser realizado com algum sucesso é preciso antes que seja analisada qual é a estrutura fundamental do seu sentido de ser. Tarefa que Heidegger procura realizar em *Ser e Tempo*.

Assim, por ter Heidegger tentado pensar o ser humano em seu sentido de ser e não enquanto objeto mensurável e calculável da ciência naturalista, ele se torna um interlocutor de extremo interesse para se pensar a psicanálise winnicottiana, já que consideramos que também Winnicott consegue escapar do agulhão do naturalismo.

¹² Heidegger, M. *Zollikoner Seminäre*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1987, p. 123.

¹³ Ibid. p. 136.

¹⁴ Ibid. p. 23.

¹⁵ Id. Ibid.

¹⁶ Ibid. p. 123

2 - O que se pretende estudar em Heidegger: a acontecência humana

O conceito do homem como um ser acontecente é resultado das análises empreendidas por Heidegger em *Ser e Tempo*^{*}. Ao questionar a metafísica, e com esses questionamentos voltar às origens dos fundamentos metafísicos, Heidegger se perguntou pelo sentido do ser. Essa pergunta é fundamental e fundante para a fenomenologia existencial, pois é a pergunta pelo homem destituído de seus afazeres, isto é, não pergunta pelo agir, pelo fazer. Para Heidegger, em *Ser e Tempo*, a questão que se coloca é a do ser (*Sein*) ou, mais propriamente, a pergunta é pelo sentido do ser. Porém, perguntar-se-ia, com o quê ou com quem essa questão pelo sentido do ser se relaciona. Em Heidegger: com o ente.

O ser acontecente é desvelado em seu poder-ser originário através da angústia. Através da angústia o ser do estar-aí mostra-se como cuidado (*Sorge*). Cuidado do meu próprio estar-aí como ser-no-mundo e o dos outros em geral. O cuidar é um fenômeno ontológico fundamental, isto é, no fenômeno do cuidado o homem preocupa-se (*Fürsorge*) com o seu próprio existir e com o existir em geral¹⁷. Isto porque o homem é um ser-no-mundo que, enquanto presença, é também um ser-com os outros o que lhe permite a abertura para a convivência. Esse fenômeno do cuidado se dá em uma temporalidade finita. Com temporalidade finita do estar-aí se é levado a pensar em início, fim e em um ‘entre’ esses dois extremos.

*"O homem heideggeriano existe como um estar-aí-no-mundo, que tem que cuidar desse seu estar-aí e do existir de todas as coisas intramundanas."*¹⁸

Nota-se, portanto, que o ser do homem é um *ser-para-o-fim* (*Sein zum Ende*). Heidegger considera que um “fim” é a morte, o outro é o nascimento.

*“A morte é, no entanto, apenas o ‘fim’ da presença e, em sentido formal, apenas um dos fins que abrangem a totalidade da presença. O outro ‘fim’ é o ‘princípio’ [Anfang], o ‘nascimento’”*¹⁹

O “entre” (*Zwischen*) nascimento e morte é a *extendimento* (*Erstreckung*) que se encontra entre esses dois fins. O extendimento do estar-aí não significa seqüência de vivências ou soma das realidades momentâneas de vivências. O estar-aí não preenche a vida como se essa fosse um espaço vazio, “ao contrário, ele se estende a *si mesmo* de tal maneira que seu próprio ser já se constitui como extendimento. *No ser [Im Sein]* do estar-aí, já subsiste um ‘entre’ que

^{*} Faremos uso da tradução brasileira de *Ser e Tempo* (Ed. Vozes, Petrópolis, 2000), cotejada com o original em alemão, *Sein und Zeit* (Gesamtausgabe, vol. 2, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1977). Por isso, seguir-se-á a numeração de ambas as edições. Assim, a numeração que aparece após o ponto e vírgula refere-se ao texto em alemão.

¹⁷Ibid., p. 174; p. 163.

¹⁸Loparic, Z. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. *Rev. Psicologia USP*, vol. 6, nº 2, São Paulo, 1995, p. 57.

¹⁹ Heidegger, *Ser e Tempo*, § 72, p. 177; 493.

remete a nascimento e morte.”²⁰ Assim, o ‘contexto da vida’ (*Zusammenhang des Lebens*), que é seu extendimento, movimentação e permanência do estar-aí, determina-se pela sua acontecência: “chamamos de *acontecer* [Geschehen] do estar-aí a movimentação específica deste *estender-se* no extendimento [Bewegtheit des erstreckten Sicherstreckens]”.²¹ O extendimento está permeado pelo tempo. Por isso se diz que o estar-aí que acontece nesse extendimento é temporal. Nesse sentido, a elaboração da temporalidade como sentido ontológico do cuidado que fundamenta a possibilidade da unidade do estar-aí não pode ser tomado como algo simplesmente dado, isto é, “a movimentação da existência não é o movimento de algo simplesmente dado.”²² A movimentação da existência se determina pelo extendimento do estar-aí em um tempo finito.

O “entre”, visto como contexto da vida, faz-se possível pelo estar-lançado e pelo ser-para-a-morte em sua fuga e antecipação, limitado pelos dois fins: nascimento e morte.

Esse entre não é sozinho e isolado no mundo. Como é próprio do ser sempre apresentar-se no modo de ser-com, o acontecer do ser do homem é sempre um acontecer conjunto.

*“o estar-aí (...) só existe essencialmente como ser-no-mundo no ser-com os outros, o seu acontecer [Geschehen] é um acontecer conjunto [Mitgeschehen].”*²³

Se o ser acontecente é o ente que existe neste entre, então, segue-se de imediato as perguntas: como ele deve ser pensado? O que resulta dessa forma de pensamento sobre o ser como acontecente?

Concedido o fato da acontecência, esta não deve ser pensada de acordo com o modelo metafísico da ciência natural. O homem não pode ser mais visto como um construto impulsionado por forças, como sendo capaz de mensurar e calcular todas as coisas da natureza, inclusive a si mesmo. Isso significa dizer que toda e qualquer explicação sobre o homem como um ser acontecente deve fugir do esquema do objetivismo e determinismo causal.²⁴

Como resultado, para se falar do homem como um ser acontecente, é preciso substituir a linguagem da mensurabilidade e calculabilidade dos objetos e dos entes usada pela ciência natural, assim como seu método hipotético-dedutivo, por uma linguagem e método descritivos²⁵.

Com essa mudança de linguagem e método qualquer estudo sobre o homem ou sobre os diferenciados modos de conhecimentos científicos deve ter como base a acontecência e não mais o determinismo causal. Parafraseando Heidegger, quando fala da abertura historiográfica

²⁰ Heidegger, M. *Ser e Tempo*, § 72, p. 179; 495. Sobre o “entre” nascimento e morte em Winnicott ver seu livro *Human Nature*. New York: Brunner Manzel, 1988, p. 132

²¹ *ibid.*, p. 179; 495.

²² *Id. Ibid.*

²³ *ibid.*, § 74, p. 190; p. 508.

²⁴ Cf. Loparic, Z. Heidegger and Winnicott. *Revista Natureza Humana*, vol. 1, n.1. São Paulo: EDUC, 1999, p 110.

²⁵ *Ibid.*, pp. 111 e 117.

da história, é possível dizer que: “segundo a sua natureza e estrutura ontológica, toda abertura científica da ciência já está em si mesma, radicada na acontecência do estar-aí”. (Heidegger, 1927, § 76, p. 199; p. 518).

O que apresentamos acima foi um esboço, na verdade, as linhas do contorno, da teoria de Heidegger do ser do homem como um ser acontecente. Por isso, tivemos que fazer grandes recortes na abordagem dada por Heidegger à questão do sentido do ser em sua obra *Ser e Tempo*. Isso porque nem todas as questões levantadas por este filósofo nessa obra cabem aqui nesse estudo.

O que queríamos indicar nesse momento é que a questão do ser investigada por Heidegger nos obriga a pensar o ente, o homem, ou o sujeito - como se costuma empregar no discurso psicanalítico - a partir de uma outra perspectiva. A partir dessa nova interpretação do ente (que na verdade é a mais antiga, pois a questão do ser já era o impulsionador da filosofia grega), também é preciso repensar a questão do ser na psicanálise.

Acreditamos que o exposto sobre o ser do homem como ser acontecente é o suficiente para nos aproximar dos estudos psicanalíticos realizados por Winnicott. Isto é, pensamos que o modo de conceitualizar sobre o ser humano em ambos autores possuem muitas afinidades que são plausíveis de serem estabelecidas quando se utiliza a noção kuhniana de paradigma, e que, embora suas análises se realizem em níveis teóricos diferentes, isto é, ôntico e ontológico, o sentido dado ao existir humano por ambos pensadores foge dos parâmetros do homem pensado cartesianamente, calculador e dominador da natureza, ou seja, o sentido do ser do homem não é mais o mesmo que aquele sustentado pela tradição metafísica.

Objetivo III

1 - Um exemplo de como usar a teoria kuhniana de ciência para se traçar algumas afinidades na leitura de Winnicott e Heidegger

Tomando como base a teoria kuhniana de ciência, apresentaremos um exemplo da possibilidade de leitura das obras de Winnicott e Heidegger, utilizando um dos componentes teóricos da matriz disciplinar – o componente ontológico -, a fim de mostrar que há afinidades entre o pensamento de Winnicott e Heidegger.

Os componentes ontológicos da psicanálise de Winnicott, não são os mesmos da psicanálise tradicional, isto é, não estão baseados em especulações²⁶ sobre forças psíquicas e energias que desempenham suas funções em um construto psíquico, o aparelho mental. Conseqüentemente, os componentes ontológicos da psicanálise winnicottiana não estão

²⁶ Cf. Fulgêncio, L. *O Método Especulativo em Freud*. Tese de Doutorado. PUC/SP, 2001.

apoiados nos pressupostos metafísicos da ciência natural. Winnicott entende a vida humana como um intervalo que contém em si mesmo dois fins²⁷. Este intervalo não é um segmento linear, mas sim circular que começa quando o bebê está experienciando o seu estado de solidão absoluta e termina com o retorno ao mesmo ponto, ou seja, com a morte²⁸. Isto é, o ser humano surge de um não-ser para o ser.

O modelo ontológico, segundo Heidegger, para uma ciência sobre o homem deve ser o da analítica existencial, enriquecido com *derivados existenciais* apropriados que descrevam aspectos essenciais de setores regionais de fenômenos ônticos. A analítica existencial de Heidegger implica em uma “destruição” ou em uma “desconstrução” da ontologia metafísica tradicional que vê o homem como algo natural, uma entidade objetificada²⁹.

Heidegger baseia-se em uma ontologia existencial fundada na relação analítica concreta, isto é, com base em sua analítica do Dasein ele espera que os problemas ônticos, fatuais, sejam formulados e resolvidos à luz dos diferentes modos do homem ser no mundo e não a partir dos pressupostos objetificantes e deterministas da ciência natural (Loparic, 1999a).

Se colocarmos lado a lado os pressupostos ontológicos de Winnicott e os de Heidegger, percebe-se que existem afinidades muito grandes com as caracterizações da analítica do Dasein apresentadas por nós a acima. Isto significa dizer que para ambos autores, entre outras aproximações possíveis, as análises sobre o existir humano devem partir de situações ônticas, concretas. Para que isso seja possível a linguagem deve ser descritiva e não objetivante e determinista.

Nesse sentido, é possível notar que a psicanálise como ciência de Winnicott não se encontra mais presa aos pressupostos ontológicos da metafísica naturalista. Ela, parece-nos, se colocar próxima ao pensamento pós-metafísico levado a cabo na filosofia por Heidegger.

Assim, a aproximação entre Winnicott e Heidegger permite uma via de acesso a uma fundamentação ontológica da psicanálise winnicottiana. Fundamentação compatível com o pensamento pós-metafísico sobre a existência humana que pode possibilitar a abertura da constituição efetiva e do estabelecimento de uma ciência do homem como queria Heidegger.

²⁷ Cf. Winnicott, D. W. *Human Nature*. New York: Brunner/Manzel, 1988, p. 132.

²⁸ Cf. Loparic, Z. Heidegger and Winnicott. *Revista Natureza Humana*, vol. 1, n. 1, 1999, p. 124.

²⁹ Ibid. pp. 116-117.

Bibliografia

Teses e Dissertações

- Dias, E. O. *A teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado, PUC-SP, 1998.
- Fulgêncio, L. *O método especulativo em Freud*. Tese de Doutorado, PUC-SP, 2001.
- Munhot, L. O. *Uma reconstrução da teoria psicanalítica de S. Freud segundo as categorias da matriz disciplinar de Thomas Kuhn*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2001.
- Ferreira Júnior, W. J. *Heidegger: a questão da técnica e a superação da metafísica*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, 2000.
- Santos, E. S. *As angústias impensáveis em relação à angústia de castração*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2001.
- Tomaz, V. L. B. *O estudo das entidades metapsicológicas à luz da teoria kantiana das idéias*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, 1994.

Livros e artigos

- Abram, J. *A linguagem de Winnicott*. Ed. Revinter, 2000.
- Alford, C. F. Levinas and Winnicott: Motherhood and Responsibility. *American Imago*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.
- Beaufret, J. *Dialogue avec Heidegger: le chemin de Heidegger*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.
- Bertolini, Mario et al. *Squiggles and Spaces: Revisiting the work of D. W. Winnicott*. Whurr Publishers, Vol. 1 e 2, 2001.
- Binswanger, L. *Psiquiatria Existencial*. Santiago: Editorial Universitaria S.A, 1962.
- Biemel, W. *Le Concept de Monde chez Heidegger*. Paris: Vrin, 1950.
- Boss, M. *Psychoanalysis and Daseinsanalysis*. New York: Basic Books, 1963.
- Caurio, R. P. A atualidade da visão winnicottiana. *Revista do Círculo Brasileiro de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 6, 2000.
- Chisholm, R. M. *Teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- Corvez, M. *La Philosophie de Heidegger*. Paris: PUF, 1961.
- De Waelhens, A. *La Philosophie de Martin Heidegger*. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1955.
- Dias, E. O. A clínica das psicoses e a teoria do amadurecimento de Winnicott. *Revista Infante: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência*, vol. II, suplemento I, 1999.

- Dias, E. O. Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica. *Rev. Natureza Humana*. Vol. I, nº2, São Paulo, EDUC, 1999.
- Dreyfus, H. L. e Hall, H. *Heidegger: a critical reader*. Cambridge: Blackwell, 1962.
- Dreyfus, H. L. *Being-in-the-World: a commentary on Heidegger's Being and Time*, Division I. Cambridge/London: The MIT Press, 1991.
- Freud, S. *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer, 1987.
- Fulgêncio, L. *A redescoberta da teoria freudiana da sexualidade a partir da teoria winnicottiana do amadurecimento*. Projeto de Pós-doutorado, 2002.
- Gabbi Jr., Osmyr Faria. *Racionalidade, Sentido e Referência*. Campinas, Coleção CLE, Vol. 13, 1994.
- Grünbaum, A. *The Foundations of Psychoanalysis*. Berkeley: Univ. California Press, 1984.
- Grolnick, S. *Winnicott: o trabalho e o brincar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Hans, L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Hempel, C. G. *Filosofia da Ciência Natural*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- Heidegger, M. *Sein und Zeit*, Gesamtausgabe, vol. 2. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1977.
- _____. *Zolliker Seminare*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1987.
- _____. *Was ist metaphysik*. Vol. 9. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1976.
- _____. *Vom Wesen des Grundes*. Vol. 9. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1976.
- _____. *Vom Wesen der Wahrheit*. Vol. 9. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1976.
- _____. *Ser e Tempo*. Parte I, 9ª ed.. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.
- _____. *Ser e Tempo*. Parte II, 6ª ed.. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.
- _____. *Que é Metafísica*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.
- Klein, M. & Riviere, J. *Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- Klein, M. *Envy and Gratitude and Other Works*. Londres: Virago Press, 1988.
- _____. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- _____. *Amor, Ódio e Reparação: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico*. Rio de Janeiro/São Paulo: Imago/USP, 1976.
- Kuhn, T. *The Structure of Scientific Revolutions*, 2ª ed., The University of Chicago Press, 1970.
- Lacan, J. *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- Laplanche, J. *Problématiques I: Angoisse*. Paris: PUF, 1981.
- _____. *Problématiques II: Castration - Symbolisations*. Paris: PUF, 1980.
- Loparic, Z. A fenomenologia do agir em Sein und Zeit. *Manuscrito*, vol. VI, no. 2, 1982, pp. 149-180.
- _____. Resistências à psicanálise. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, n. 8, 1985, pp. 29-49.

- _____. Paradigmas cartesianos. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 2, vol. I, no. 2, 1989, pp. 185-212.
- _____. *Heidegger réu. Um ensaio sobre a periculosidade da filosofia*. Campinas: Papirus, 1990, 254 pp.
- _____. Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano, in KNOBLOCH, F. (org.) 1991: *O inconsciente: várias interpretações*, pp. 43-58. S. Paulo: Escuta.
- _____. Heidegger e a filosofia da finitude, *Revista Latinoamericana de Filosofia*, vol. XVII, no. 1, 1991, pp. 21-41.
- _____. Ética e finitude, in NUNES, Benedito (org.) 1994: *A crise do pensamento*, pp. 37-122. Belém do Pará: Editora da UFPa.
- _____. Winnicott e Heidegger: primeiras aproximações. *Anais do III Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de D.W. Winnicott*, vol. I, pp. 245-54. P.Alegre: Grupo de Estudos Psicanalíticos de Pelotas, 1994.
- _____. Winnicott e Heidegger: afinidades. *Boletim de novidades*, ano VIII, no. 69, janeiro de 1995, pp. 53-60. S. Paulo: Ed. Livraria Pulsional.
- _____. Ética neopragmática e psicanálise. *Percurso*, no. 14, 1/1995, pp. 86-95.
- _____. Descartes desconstruído. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 3, vol. V, nos. 1-2, 1995, pp. 183-203.
- _____. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. *Psicologia USP*, vol. VI, no. 2, 1995, pp. 39-61.
- _____. O fim da metafísica em Carnap e Heidegger, in DE BONI, Luís Alberto (org.) 1996: *Festschrift em homenagem a Ernildo Stein*. Petrópolis: Vozes, pp. 782-803.
- _____. O ponto cego do olhar fenomenológico. *O que nos faz pensar*, no. 10, vol. I, 1996, pp. 127-149.
- _____. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Percurso*, ano IX, no. 17, 1996/02, pp. 41-47.
- _____. Heidegger e a pergunta pela técnica. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 3, vol. VI, no. 2, 107-138.
- _____. Ética neopragmática e psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, vol. III, no. 3, pp. 445-459, 1996.
- _____. *Descartes heurístico*. Campinas: IFCH, UNICAMP, Col.Trajatória no. 3, 192 pp., 1997.
- _____. Winnicott e M. Klein: conflito de paradigmas, in CATAFESTA, Ivonise F. da M. (org.) 1997: *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a Universidade*. S. Paulo: Inst. de Psicologia da USP, pp. 43-60.
- _____. A máquina no homem. *Psicanálise e Universidade*, no.7, 1997, pp. 14-32.

- _____. O Édipo de Freud a Bion. *Boletim Científico da SPRJ*, XVIII, 3, 1997, pp. 375-381.
- _____. Psicanálise: uma leitura heideggeriana. *Veritas* (PUCRS), vol. XLIII, no. 1, 25-41.
- _____. Origem e sentido da responsabilidade em Heidegger. *Veritas* (PUCRS), 40 (1), 1999, pp. 201-220.
- _____. Heidegger's Project of a Hermeneutic Anthropology, *Memórias del XIV Congreso Interamericano de Filosofía*, Puebla '99. Cidade de México: Asociación Filosófica Mexicana (em CD-Rom), agosto de 1999.
- _____. O conceito de *Trieb* na psicanálise e na filosofia alemã, in MACHADO, Jorge A. T. (org.), *Filosofia e Psicanálise: Um diálogo*. Porto Alegre: Edipuc, pp. 97-157.
- _____. Heidegger and Winnicott. *Revista Natureza Humana*, I (1), 1999a, 103-35.
- _____. É dizível o inconsciente? *Revista Natureza Humana*, I (2), 1999, pp. 323-385.
- _____. A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. *Revista Infante*, vol. VII, suplemento 1, 1999, pp. 21-23.
- _____. A moralidade e o amadurecimento, *Atas do IX Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott*, 20-22/10/2000, pp. 300-316. Rio de Janeiro, SBPRJ.
- _____. Winnicott's Paradigm. *Squiggle Foundation*, julho, 2000.
- _____. Esboço do paradigma winnicottiano. *Col. Primeira Versão*. Campinas, IFCH, Unicamp, 2001 (no prelo).
- _____. O animal humano, *Revista Natureza Humana*, vol. 2, n. 2, 2001 (no prelo).
- _____. Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise, *Revista Natureza Humana*, vol. 3, n. 1, 2001 (no prelo).
- _____. Theodor Lipps, uma fonte esquecida do paradigma freudiano. *Revista Natureza Humana*, vol. 3, n.1, 2001 (no prelo).
- _____. O masculino e o feminino: uma distinção-chave no paradigma winnicottiano. *Revista Natureza Humana*, vol. 3, n. 2, 2001 (no prelo).
- Mello Filho, J. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Mezan, R. *Tempo de muda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Monzani, L. B. *Freud: O Movimento de um Pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- Rudnytsky, P. L. *Psychoanalytic Vocation: Rank, Winnicott and the legacy of Freud*. Analytic Pr, 2000.
- Safra, G. A mãe do psicótico. *Revista Infante: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência*, vol. II, suplemento I, 1999.
- Ulanov, B. *Finding Space: Winnicott, God and Psychic Reality*. Westminster John Knox Pr., 2001.
- Winnicott, D. W. *Talking to parents*. USA: Addison-Wesley Publishing Company, 1993.

- _____. *Collected Papers: Through Paediatrics to Psychoanalysis*. Londres: Tavistock Publications, 1958.
- _____. *The child, the family and the outside world*. Londres: Penguin Books, 1964.
- _____. *The Maturation Process and the Facilitating Environment: studies in the theory of emotional development*. Madison: International Universities Press, [1964] 1996.
- _____. *The Family and Individual Development*. Londres: Tavistock Publications Ltd, 1965.
- _____. *Playing and Reality*. England Penguin Books, 1971.
- _____. *Holding and Interpretation: Fragment of Analysis*. Londres: Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, 1972.
- _____. *Home is Where We Start From*. Londres: Penguin Books, 1986.
- _____. *Babies and their Mothers*. Londres: Free Association Books, 1987.
- _____. *Selected Letters of D. W. Winnicott*. Cambridge, Massachusetts, 1987.
- _____. *Human Nature*. New York: Brunner/Manzel, 1988.
- _____. *Psychoanalytic Explorations*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1989.
- _____. *Talking to Parents*. Londres: The Winnicott Trust, 1993.
- _____. *Thinking about Children*. Londres: Karnac Books, 1996
- _____. *Deprivation and Delinquency*. Londres: Routledge, [1984]1994.